

# JORNALISMO

# A CRISE BRASILEIRA EM REVISTA: DISCURSOS PRESCRITIVOS E SENTIMENTOS MEDIADOS

## *The Brazilian crisis in the magazine: prescriptive discourses and mediated feelings*

Geilson Fernandes de Oliveira\*  
Maria das Graças Pinto Coelho\*\*

### RESUMO

Considerando o cenário de crise político-econômica nacional, são analisadas as práticas discursivas da Revista *Exame* durante o ano de 2015, tendo como recorte empírico suas capas. Metodologicamente, utiliza-se da Análise do Discurso (AD) baseada nos postulados desenvolvidos por Michel Foucault, principalmente a partir dos conceitos de discurso, dispositivo, relações de saber e poder e subjetividade. As análises apontam à construção de uma narrativa apocalíptica permeada de sentimentos e emoções que impulsionam imaginários sociais, promovendo o risco do caos e o medo do futuro, mobilizando estados de ânimo e modelos subjetivos para lidar e vivenciar a crise, influenciando, subjetivamente, a sua construção, expressão e delimitação.

**Palavras-chave:** Crise brasileira. Discurso. Revista *Exame*. Emoções.

### ABSTRACT

Considering the scenario of national political and economic crisis, we analyze the discursive practices of *Exame* Magazine during the year 2015, having as an empirical cut its layers. Methodologically, it uses Discourse Analysis (AD) based on the postulates developed by Foucault, mainly from the concepts of discourse,

\* Doutorando em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). *E-mail:* <geilson\_fernandes@hotmail.com>.

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora/Pesquisadora nos PPGs em Estudos da Mídia (PPGEM) e Educação (PPGED), também da UFRN. *E-mail:* <gpcoelho8@gmail.com>.

Revisão: Pâmela R. R. Dias de Oliveira

Data de submissão: 9.5.2018

Data de aceite: 20.11.2018

device, relations of knowledge and power and subjectivity. The analyzes point to the construction of an apocalyptic narrative permeated by feelings and emotions that propel social imaginaries, promoting the risk of chaos and fear of the future, mobilizing states of mind and subjective models to deal with and experiencing the crisis, subjectively influencing its construction, expression and delimitation.

**Keywords:** Brazilian crisis. Discourse. *Exame* magazine. Emotions.

## 1 Introdução

**N**a contemporaneidade, a mídia e seus dispositivos mostram-se, cada vez mais, como instrumentos de poder a partir dos quais determinadas práticas são agenciadas e passam a construir sentidos. Considerando essa premissa, a necessidade de se investigar a complexidade de seus mecanismos, para se entender o processo de construção de suas narrativas nos diferentes ambientes, se mostra indispensável. A partir de seus discursos, a mídia representa e agencia modos de leitura e interpretação de fatos do dia a dia, mobiliza estados de ânimo e, não raro, busca explicar os agravos da existência cotidiana – essa cada vez mais associada ao risco e às destemperanças do destino – tal como os manuais de autoajuda.

A sua articulação não é restrita e se relaciona com acontecimentos políticos, econômicos, sociais e com as pulsações do sujeito, que acompanha tal modulação cultural e seus efeitos produzidos no imaginário social. A mídia atua, nesse sentido, como campo de produção, difusão e circulação dos mais diversos discursos, colocando-se como agente de modos de orientação para a conduta e autogoverno dos sujeitos, não havendo mais instância da vida sobre a qual seus discursos não indiquem direção. Os mais diferentes meios agenciam discursividades que buscam se posicionar como bússolas ao encontro de uma vida saudável, estável e feliz, abrangendo os diversos segmentos sociais e seus diferentes ideais.

Partindo desses pressupostos e visando a refletir sobre a mídia e os sentidos por ela engendrados, se analisa a produção discursiva da Revista *Exame*,<sup>1</sup> publicação brasileira quinzenal da Editora Abril voltada ao setor de negócios e economia, neste momento de crise político-econômica brasileira. Para tanto, como procedimento metodológico, são utilizados os pressupostos da AD baseada nos postulados de Michel Foucault (2013a,

<sup>1</sup> A publicação é apontada como “a maior e mais influente publicação de negócios e economia do País” e “possui circulação de cerca de 150.000 exemplares, sendo 115.000 assinaturas”, conforme informações dispostas em seu *site*. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/sobre/>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

2013b, 2011), para quem o discurso apresenta condições de possibilidades históricas que permitem a emergência de práticas e sentidos específicos. Com efeito, objetiva-se, a partir dessa perspectiva, compreender as estratégias e os efeitos de sentido das práticas discursivas da revista mencionada, refletindo sobre seus enunciados e sua composição gráfica, considerando as relações de saber e poder que possuem e os agenciamentos subjetivos que mobilizam, elementos que têm sua articulação e seu engendramento relacionados ao arquivo<sup>2</sup> discursivo de uma época, isto é, da contemporaneidade.

Para a composição do recorte empírico, são analisadas as capas referentes ao ano de 2015.<sup>3</sup> Nesse ano, a Revista *Exame* teve 25 edições publicadas, sendo duas a cada mês, mais um número especial. Visando a otimizar o recorte com o objetivo de perceber os estados de ânimo, as emoções e os sentimentos agenciados na construção das narrativas do periódico, as análises e reflexões direcionam-se, especificamente, às capas que enunciaram como destaque: 1) a problemática da crise; e 2) o uso de emoções e sentimentos. Nas edições que evidenciam as duas questões – total de 10 –, mostram-se expressivos os enunciados com temas relacionados ao risco e ao medo; fator que provoca tensionamentos sobre a elaboração em torno dos modos de sentir-e-estar na sociedade atual, a partir das construções discursivas da mídia em tempos de crise.

Diferentemente de outros países (como os europeus e os EUA, que em suas crises mais recentes tiveram *deficits* econômicos expressivos a partir de 2008), no Brasil, a crise econômica tem seus reflexos mais significativos a partir do ano de 2015, intensificados por uma crescente crise política, que se estende até hoje (2018) e que resultou no processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (2016), democraticamente reeleita no ano de 2014. Nesse sentido, não se trata de uma crise com um único viés, mas de uma multifacetada.

De origem grega, a palavra *crise* advém do termo *Krisis* (κρίσις) e significa “resultado de um juízo”, “ponto crítico”, “decisão”, “disputa”, etc. De acordo com Conceição (2009), a noção de crise – tema que parece, cada vez mais, atual e que excede qualquer limite geográfico – está associada

<sup>2</sup> Com base nos postulados de Michel Foucault, a noção de arquivo corresponde não a um conjunto de documentos, como pode ser facilmente confundido na linguagem corrente, mas a uma lei do que pode ser dito ou um sistema que rege a irrupção dos enunciados e discursos, ou seja, aquilo que pode, efetivamente, ser dito, discursivizado. (2013, p. 159). Nesse sentido, os discursos sobre a crise político-econômica brasileira são componentes de um arquivo discursivo de uma época, que lhes permite, a partir de condições dadas, sua existência.

<sup>3</sup> A escolha pelas capas desse ano se justifica pelo fato de que foi nele que a crise brasileira se efetivou de modo mais incisivo, considerando o período pós-eleições presidenciais, o crescimento das dificuldades econômicas enfrentadas pelo governo e o início das manifestações que pregavam a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

a um momento de necessária reorientação, de abandono de um sentimento de estabilidade rumo às incertezas. Bauman e Bordoni (2016, p. 9), por sua vez, afirmam tratar-se de uma palavra frequentemente utilizada nos meios de comunicação para definir dificuldades financeiras, aumento de preços e de juros, de modo que qualquer acontecimento adverso passa a ser visto como “culpa da crise”.

Especificamente em relação às crises atuais que parecem assolar diversos países, os autores atestam que um dos fatores que as possibilitam, além do econômico, é a crise do próprio modelo de Estado, que parece não acompanhar as transformações históricas e sociais. Para eles, durante a crise de 1929, as pessoas tinham a quem pedir auxílio, o que não ocorre no presente, pois o Estado já não mais consegue responder aos anseios da população. (BAUMAN; BORDONI, 2016, p. 40).

Diagnóstico semelhante é feito por Touraine (2011, p. 17), que indica preocupação em relação à redução da intervenção do Estado para lidar com o quadro que se apresenta. Em suas palavras, “na ‘megacrise’ que se manifestou nos Estados Unidos a partir de 2007 e 2008, o que mais me preocupa é seu caráter global”, o que, segundo o autor, “explica a destruição de todas as instituições que outrora transformavam as situações econômicas em elementos de uma vida social controlada pelo Estado”. A intensidade e amplitude dessa crise são novidades quando comparada a outras. Isso, principalmente, devido à atual configuração do sistema econômico, baseado em redes de interdependência global. (CASTELLS, 1999, p. 68).

Com efeito, as características que compõem o novo cenário de crises demonstram que seus sentidos são resultantes das constantes reconstruções históricas que vão se efetivando a partir da economia, da cultura e da política, não se esquecendo do papel exercido pelos meios de comunicação na sua construção discursiva, o que pode ocorrer a partir de vieses distintos e, se pode dizer também, distópicos – haja vista ser comum a existência de incongruências entre a realidade e o que é midiaticamente representado. Então, qual é esse novo *sensorium* que tanto mobiliza a cobertura sobre a crise brasileira em uma revista voltada ao público que toma decisões políticas, econômicas e financeiras no Brasil? Ou, mais ainda, quais sentidos são produzidos e veiculados a partir desse *sensorium*?

Levando em consideração os fatores acima discutidos, o jornalismo de revista produzido pela Revista *Exame* é aqui visto como um dispositivo, a saber, um dispositivo midiático de enunciação. (RODRIGUES, 2016). Tratá-lo dessa forma, por sua vez, requer explicitar que o termo *dispositivo* traz uma série de acepções, podendo ter um caráter tecnológico, jurídico ou uma interpretação filosófico-sociológica. Assim sendo, o uso adotado

refere-se à última perspectiva indicada (uma interpretação filosófico-sociológica). Esse é um conceito caro à filosofia de Michel Foucault, para quem o dispositivo trata-se de uma rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos, que associam “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. (FOUCAULT, 2013b, p. 364). O dito e o não dito também são componentes constitutivos do dispositivo, que é a rede que se pode estabelecer entre estes diversos elementos.

## 2 A bússola da mídia: discursos prescritivos e sentimentos mediados

As dez capas da Revista *Exame* do ano de 2015 observadas são, especificamente, aquelas que enunciaram aspectos referentes à crise e fazem uso de apelos emocionais e/ou sentimentais na produção de suas narrativas. As capas (como objeto de análise) justificam-se por ser *vitrines* em relação aos conteúdos que serão tratados prioritariamente nos textos apresentados no interior da revista, pois a função e a semiose da capa são, justamente, a de despertar a atenção dos leitores, de convidá-los e de fomentar o desejo de leitura e deleite daquilo que é prometido por meio do seu destaque. (SCALZO, 2013, p. 62). Nela, é posto o elemento principal a ser vendido, e todos os outros se põem em uma ordem de subordinação e hierarquização, podendo ser encontrados desde elementos textuais, imagens, ilustrações e outros aspectos, que, juntos, visam a conquistar o leitor-consumidor. Segundo Almeida Junior e Nojima (2010, p. 16-17), as capas são também produtos gráficos da comunicação que carregam grande influência no que se refere à composição de uma agenda à opinião e ao debate públicos, o que assevera o pressuposto de que a partir delas podem ser analisados sentidos que desvelam posições políticas, relações de poder e agenciamentos diversificados (VÉRON, 2004), como pode ser visto nas análises subsequentes.

Figuras 1, 2, 3 e 4 – Capas Revista *Exame*: Janeiro (edição 1.081, 1º jan. 2015), março (edição 1.084, 4 mar. 2015), março (edição 1.086, 11 mar. 2015) e julho (edição 1.094, 30 jul. 2015).



Fonte: Site da Revista *Exame*. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/edicoes/1081/> > e < [https://exame.abril.com.br/2015/?post\\_type=edicao](https://exame.abril.com.br/2015/?post_type=edicao) >. Acesso em: 16 out. 2018.

No mês de janeiro (Figura 1, edição 1.081), há uma enunciação em torno dos casos de corrupção da Petrobras, fato que é parte constituinte do cenário de crise no Brasil tanto em sua dimensão econômica (o grande desvio de recursos) quanto em sua dimensão política (o envolvimento de empresários e figuras políticas). A composição visual é construída a partir de um fundo branco e da logo da revista na cor vermelha. No centro, é expresso um círculo formado pela figura de uma mangueira de bomba de gasolina que lembra a forma anatômica de um coração, órgão que é o centro do sistema circulatório, responsável pelo transporte de sangue *de e para* todo o corpo humano. Sendo diretamente citada (chamada principal), a Petrobras, empresa que atua na exploração e produção de petróleo, é a maior estatal brasileira, tendo um papel de grande importância à sua economia sendo, então, equiparada, metaforicamente, ao coração, evidenciado o seu significado para o mercado econômico-nacional. Na imagem, uma das pontas da mangueira que contorna quase totalmente esse “coração” está desgastada e solta do restante “do corpo” – o tanque de gasolina, aspecto que forja o sentido de separação, dano e estrago, impossibilita, assim, seu pleno funcionamento. Nessa mesma ponta, se tem um efeito que evidencia vazamentos e manchas deixadas por essa quebra do que seria o ideal, o que faz referência à sujeira, o que pode ser associado não somente a uma perda de matéria-prima e, portanto, de capital devido aos desvios, como se fosse a perda do próprio sangue do coração, mas ao aspecto moral resultante da corrupção na Petrobras, que é evidenciada como anormalidade e causa dos problemas explicitados.

Associado à imagem, tem-se, no ponto de visão central, a seguinte pergunta: “A corrupção da Petrobras pode parar o Brasil?” No enunciado, chama a atenção o uso do termo *parar*, verbete que reitera a associação com o coração, órgão que se mantém vivo e ativo por meio de batimentos. Com efeito, tal como ocorre quando o coração para, o que o enunciado indaga e ao mesmo tempo pressupõe, é se a corrupção na Petrobras poderia parar e causar danos definitivos à economia nacional. Abaixo do enunciado supracitado, encontra-se uma possível resposta para a indagação feita: “Como o avanço das investigações sobre algumas das maiores empresas brasileiras pode afetar o mercado e tirar mais fôlego da economia”, o que, de certa forma, confirma a premissa de que a economia, tal qual um corpo biológico vivo, estaria sob pressão e enfrentando riscos. Articuladas, a composição visual e a enunciativa da capa constituem uma retórica que, por meio de metáforas e questionamentos, dão um sentido e uma direção ao tema de que tratam, evidenciando o sentido comunicacional pretendido.



Na primeira edição de março (Figura 2, edição 1.084), um grande buraco negro sem fundo aparente e um pequeno homem em sua margem ilustram o enunciado “A queda”. Segue a seguinte citação:

Os erros cometidos nos últimos anos – somados aos riscos de racionamento de energia e água e aos efeitos da operação lavado – colocam a economia brasileira à beira de uma recessão em 2015. Será o quinto ano consecutivo de desempenho ruim. A dúvida é: vamos parar por aí ou teremos uma nova década perdida? (EXAME, 2015, capa da edição 1.084).

Assim posto, se observa uma construção discursiva que é forjada a partir de perspectivas que possuem um tom incisivo e determinante, quiçá, tendencioso. A indagação é utilizada como mecanismo de apelo que objetiva a consulta e leitura dos conteúdos produzidos por parte dos leitores-consumidores. Uma breve leitura da matéria – mesmo que não seja esse o objetivo da análise aqui empreendida – logo indica uma resposta, que se volta, principalmente, à visão de que o Brasil está entrando em uma crise sem precedentes, ao passo que sua saída se dará tão somente a partir de um governo que erre menos – e aí se tem, explicitamente, uma crítica à Dilma Rousseff e ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) –, e que esteja mais aberto às premissas neoliberais, o que se aplica tanto ao campo econômico (a menor intervenção do Estado) quanto ao sujeito (que deverá tornar-se mais empreendedor e autônomo em suas ações).

Nas duas capas até aqui analisadas, notam-se enunciados – verbais ou não – que constroem elementos discursivos relativos à crise brasileira. De acordo com Bauman e Bordoni (2016) o presente parece estar imerso em um estado de crise sem precedentes e sem rumos previsíveis, constituindo-se como um novo tempo de mudanças. Conforme os autores, “a crise enfrentada pelo mundo ocidental não é temporária, mas sinal de uma mudança profunda que envolve todo o sistema social e econômico e que terá efeitos de longa duração”. (BAUMAN; BORDONI, 2016, p. 7). Interessante é perceber, diante dessa afirmação, que nos principais enunciados das Figuras 1 e 2, há, respectivamente, um sentido que atualiza, de modo ainda mais negativo, os efeitos conjunturais da crise, colocando-a como uma questão relativa especialmente à sociedade brasileira, não havendo uma contextualização dos quadros mais gerais da crise, uma vez que ela não é uma exclusividade do Brasil. Destarte, identifica-se um viés pessimista sobre o fenômeno de que tratam, mesmo que, em alguns momentos, ofertem dicas *exclusivas* sobre como lidar com a crise.

Em ambas, a composição visual-enunciativa demonstra reciprocidade e coesão, de modo que seus traços e argumentos são consonantes. Nessas

casos, reafirma-se a ideia de que os discursos textuais e estético-visuais utilizados no *design* gráfico das capas obedecem a uma linha de ação particular (ALMEIDA JUNIOR; NOJIMA, 2010, p. 51), pautada por uma retórica que codifica a informação com a finalidade de construir um discurso que, ao mesmo tempo que informe, persuade o leitor-consumidor, haja vista os interesses existentes, aspecto que, de modo geral, se reproduz nas demais capas.

Em outra edição de março, assim como na de julho (Figura 3 – edição 1.086 e Figura 4 – edição 1.094), a temática do risco entra em cena de forma mais premente, ao mesmo tempo que o sujeito leitor é impelido a preparar-se. A imagem da ex-presidente Dilma Rousseff com semblante de preocupação e seriedade e com as mãos juntas próximas do queixo, como se estivesse rezando, ilustra a capa da segunda edição da Revista *Exame* em março. Em letras garrafais, é apresentado um enunciado que parece responder com quais problemas a presidente estaria preocupada e, possivelmente, rezando. “O risco de caos” parece ser iminente, conforme os sentidos produzidos pela publicação. Na sequência, são indicados os motivos que têm levado a Nação brasileira ao caos:

Após anos de escolhas erradas, a economia terá de passar por um grande ajuste. Sairia mais barato se fosse executado por um governo forte e convicto. As ruas mostram que temos o contrário. Aumentam as chances de que o ajuste aconteça na marra – e com consequências imprevisíveis para todos nós. (EXAME, 2015, capa da edição 1.086).

Conforme exposto, além de se retomar uma memória recente para validar o que é dito, baseada no pressuposto de que Dilma não teve pulso para lidar com os movimentos populares de 2013 (jornadas de junho) e 2015 (os atos favoráveis ao seu afastamento da presidência), evidencia-se uma produção discursiva que culpa a ex-presidente pelo cenário de instabilidades, pois, mesmo que seu nome não seja, de fato citado, é sua foto, feita em um momento banal e não oficial que ilustra a informação. Com isso, podem ser tecidos diversos questionamentos. Será que o governo seria mais forte e convicto caso estivesse nas mãos de um homem? As escolhas erradas durante anos não tiveram outras pessoas envolvidas, tendo em vista que o Governo Dilma estava em seu quinto ano? Então, por que é somente a imagem de Dilma que representa essa questão? E o que seria um ajuste feito “na marra” e com consequências imprevisíveis? Esses questionamentos devem ser feitos, principalmente, quando o discurso é tomado como um campo de batalhas, onde poderes, perigos, lutas e dominações se (entre)cruzam, como pontuado por Foucault:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (2011, p. 8-9).

É interessante notar que, apesar de evidenciar a necessidade de um pulso mais firme, o corpo da matéria de que trata a chamada, ao mesmo tempo que busca arregimentar o sentido de falta de pulso e incompetência em relação à Dilma, demonstra como saída novamente o viés neoliberal, explicando a falta de firmeza da ex-presidente, no caso, em modificar os modelos econômicos até então utilizados, vistos como retrógrados e sem retorno satisfatório. Ou seja, a questão estaria assentada em ser mais firme para fazer da economia um território mais livre e autorregulado. Entendendo o discurso como um cenário de lutas, bem como se contrapondo à sua pretensa transparência ou objetividade, como pontuado por Foucault (2013a; 2011), tem-se que o discurso produzido pela revista traz, em si, uma rede de sentidos que requer maiores atenção e análise. Como dispositivo midiático de enunciação, as capas mencionadas colocam em voga a forte presença das relações de saber e poder nos discursos que produzem, revelando que o discurso sobre o poder é bem menor do que o poder do discurso. A Revista *Exame* se apresenta como detentora de um saber qualificado que lhe permite enunciar, com tanta precisão e argúcia, sobre a crise e os rumos da economia brasileira, desvelando, logo, sua constituição por meio de relações de poder, que engendram efeitos de sentido que apontam a uma vontade de verdade por parte da revista sobre os fatos que discursiviza.

Foucault (2011) salienta que essa *vontade de verdade* é recorrente nos discursos clínicos, científicos, etc., que sempre buscam se fundamentar a partir de uma lógica que possa sustentar o que é dito. Esta mesma vontade de verdade é identificada nas outras capas analisadas, com a utilização de estratégias discursivas – colocações assertivas (“após anos de escolhas erradas, a economia terá de passar por um grande ajuste” – Figura 3), imperativas (“os erros cometidos nos últimos anos [...] colocam a economia brasileira à beira de uma recessão em 2015” – Figura 2), dados estatísticos (“a previsão de queda do PIB já chega a 2,5%” – imagem 4), entre outros mecanismos que vão se aperfeiçoando quando do desenvolvimento da matéria, como uso de fontes especializadas, elementos que tem como objetivo precípua não só embasar e fundamentar o que é dito, mas convencer o leitor acerca daquilo que é enunciado.

Como parte dessas práticas discursivas permeadas por essas relações, na maioria das vezes objetivando algum tipo de disciplina ou controle, o

discurso do risco já apontado retorna na edição de julho (Figura 4), expresso pelos enunciados – “Prepare-se, a crise vai ser longa”; “o risco de a nota de crédito do País ser rebaixada está aumentando”; “a crise não para de piorar”, mas também são citadas algumas possibilidades para uma reação por meio da oportunidade de tirar lições ou algo de bom da crise: “Quais lições já podemos tirar dos erros cometidos? Como reagir e sair mais depressa da crise?” A utilização da cor vermelha ao fundo também chama a atenção, produzindo sentidos que reforçam o estado de alarme evocado pela crise, daí a necessidade de um preparo e de tirar, a partir da experiência – principalmente daqueles sujeitos colocados pela revista como fontes –, lições para sair bem desse momento.

A temática do risco ocupa posição central na atualidade, tendo em vista que, nos mais diversos campos – medicina, epidemiologia, engenharia, etc. – são cogitadas as probabilidades, a fim de evitar acidentes, mortes ou outros infortúnios, tal qual a crise. Nas práticas discursivas da Revista *Exame*, o risco de caos é posto como iminente. Vaz (2012) afirma que o pressuposto do risco tem como premissa a prevenção de possíveis danos futuros, como modo de controlar as adversidades presumíveis, e é isso que as capas analisadas agenciam, haja vista que o risco requer cuidados, algum tipo de controle ou condição de alerta.

A recorrência desses discursos mobiliza subjetividades vigilantes e cautelosas, considerando, como propõe Foucault (2013a), que os discursos, sendo parte de uma rede de relações heterogêneas, modalizam as subjetividades. O dispositivo midiático que enuncia esses elementos – a Revista *Exame* – fornece aos seus leitores modelos subjetivos para vivenciar a crise. A noção de dispositivo formulada por Foucault, segundo Agamben (2009, p. 35), possui uma natureza essencialmente estratégica, sempre inscrita num jogo de saber e de poder. Por sua vez, o ilimitado crescimento dos dispositivos, sobretudo com o desenvolvimento capitalista, corresponde a uma disseminada proliferação de processos de subjetivação. (2009, p. 41).

As capas já descritas e interpretadas dão pistas de que há por parte dessa revista uma agenda permeada pelo negativismo em relação à crise, a qual tem continuidade nas demais edições do ano.

**Figuras 5, 6 e 7** – Capas da Revista *Exame*: agosto (edição 1.096, 26 ago. 2015) setembro (edição 1.097, 10 set. 2015) e setembro (edição 1.098, 24 set. 2015).



Fonte: Site da Revista *Exame*. Disponível em: < [https://exame.abril.com.br/2015/?post\\_type=edicao](https://exame.abril.com.br/2015/?post_type=edicao) > . Acesso em: 16 out. 2018.

No mês de agosto (edição 1.096, Figura 5), são apresentadas oportunidades de descobrir “onde investir na crise”, enunciado elaborado em fonte que se assemelha a uma estrada, ou seja, são propostos caminhos para se investir e superar a crise. Nas edições do mês de setembro, a crise é retratada nas duas capas publicadas no período. Na primeira (edição 1.097, Figura 6), o risco volta a ser uma questão explícita, pois “Sem dinheiro. E sem rumo”, a iminência de caos ressurgiu, tendo como plano de fundo a imagem do perfil da ex-presidente Dilma, por meio de uma ilustração em que há apenas o seu contorno e o preenchimento totalmente na cor preta, como se indicasse a ausência de algum tipo de iluminação.

Mais uma vez, Dilma é colocada como uma gestora incompetente, símbolo da crise e seu governo como um erro – “O caos nas contas públicas é a prova mais contundente de que um modelo de país se esgotou. Outro terá de surgir em seu lugar – e não podemos nos dar ao luxo [sic] de errar de novo”. Diante dessa recorrência de menções à Dilma, tem-se uma perspectiva de que a sua imagem é sinônimo da própria crise, o que pode ser entendido, levando-se em conta a recorrência e a forma de abordagem, como misoginia, já que se percebe uma forma de tratamento e julgamento que, além de buscar desqualificar Dilma, provavelmente não seria utilizada da mesma forma caso a presidência fosse ocupada por um homem.

Na segunda edição do mesmo mês (n. 1.098, Figura 7), a ilustração de uma estrada (mais uma vez) repleta de curvas com um sujeito desorientado e solitário, no seu centro, reforça o sentido de que existe “um longo caminho de volta” a ser empreendido, o qual, é interessante notar, está iluminado pela cor amarela. Curiosamente, a publicação também oferece, com exclusividade, uma saída “verde” para a crise, por meio do combate ao aquecimento global que pode somar R\$ 600 milhões à economia brasileira até 2030 (enunciado localizado na parte superior), reforçando a presença de orientações em meio às instabilidades e aos possíveis riscos.

A oferta de orientações das mais diversas visa, a partir de apelos de ordem sentimental, a auxiliar os leitores ante a iminência do risco, fator que corrobora a visão de que a mídia e suas práticas discursivas passam a se constituir em agenciadoras de sentidos sobre o sujeito e sua vida. É nesse sentido que Gomes (2003, p. 45), aborda o papel do jornalismo como tendo uma função estratégica à modelização da sociedade, “uma vez que são espaços por onde os discursos terão seu ponto máximo de difusão”.

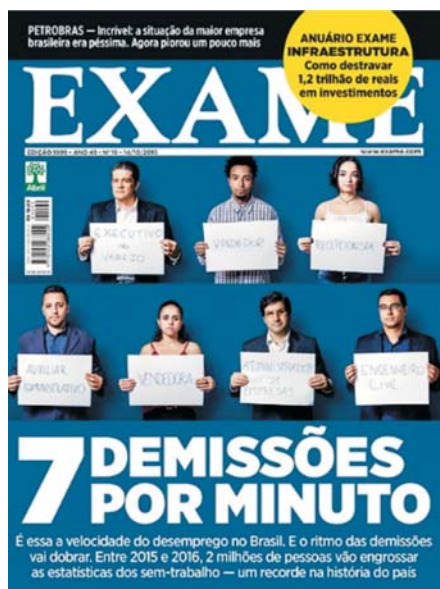
Apoiando essa perspectiva, Fisher sustenta que as mídias atuam como dispositivos pedagógicos, sobretudo quando indicam os modos pelos quais os sujeitos devem agir e conduzir sua vida, fazendo uso, inclusive, de “inúmeros especialistas de todos os campos do conhecimento” (2006, p. 50) para sustentar e dar crédito aos temas discutidos. Na Revista *Exame*,

esse discurso de autoridade também busca sua sustentação por meio do trabalho com relatos de empresários renomados e suas dicas, bem como com a publicização de casos que deram certo, como “a lição das empresas que aproveitaram a crise para ganhar eficiência e um salto de qualidade”, enunciado localizado no canto superior da edição 1.097 (Figura 6).

Sobre o discurso do especialista, Freire Filho e Coelho (2011, p. 8) afirmam que “o discurso competente dos peritos encoraja os indivíduos a atuarem, de maneira sistemática, para acumular competências que os deixarão em posição de vantagem nas relações de concorrência disseminadas, na atualidade, por todas as esferas da vida”. Ao recorrerem a essas fontes da experiência, são articuladas relações de saber e poder (FOUCAULT, 2013a), visando a dar um sentido de autoridade às informações veiculadas, uma vez que os lugares de produção desses discursos carregam um efeito de verdade, como se fosse algo comprovadamente já vivenciado e que, de algum modo, teve êxito.

Das seis últimas edições do ano, referentes aos meses de outubro, novembro e dezembro, três trouxeram, em sua capa aspectos alusivos ao discurso da crise.

**Figuras 8, 9 e 10** – Capas da Revista *Exame*: outubro (edição 1.099, 8 out. 2015), novembro (edição 1.101, 5 nov. 2015) e dezembro (edição 1.104, 17 dez. 2015).





Fonte: Site da Revista Exame. Disponível em: < [https://exame.abril.com.br/2015/?post\\_type=edicao](https://exame.abril.com.br/2015/?post_type=edicao) > . Acesso em: 16 out. 2018.

Na primeira edição do mês de outubro (n. 1.099, Figura 8), sete pessoas anônimas, com expressões sérias, expõem cartazes nos quais são demonstradas suas antigas funções – de executivo, vendedor, recepcionista, auxiliar administrativo, administrador de empresas e engenheiro civil –, ao mesmo tempo que se colocam em disponibilidade para novas contratações, expondo que a crise tem atingido os mais variados setores do mercado de trabalho e profissionais com as mais diversas formações, como se ninguém estivesse livre de ser uma futura vítima. No enunciado principal, é afirmado que hoje são realizadas “7 demissões por minuto”, mesmo número referente à quantidade de sujeitos na capa, dando um rosto às estatísticas mencionadas. Contudo, esse ainda não é o pior cenário, pois, segundo informação localizada na parte inferior, “o ritmo das demissões vai dobrar. Entre 2015 e 2016, 2 milhões de pessoas vão engrossar as estatísticas dos sem-trabalho – um recorde na história do País”. A situação da Petrobras também é retomada, quando é enunciado, no canto superior, que, incrivelmente, “a situação da maior empresa brasileira era péssima. Agora, piorou um pouco mais”, retomando outros discursos enunciados pela revista, articulando-os com novos desdobramentos. O panorama constituído pela Revista *Exame* em relação aos problemas enfrentados pela economia apresenta-se como problemático, discurso que vai sendo “costurado” pelas demais capas, que sempre retornam a um ponto em comum e medeiam, a partir disso,



sentimentos que constituem um contexto de risco, produzindo, ao mesmo tempo, medo.

Conforme Walton (2007, p. 27), a noção de medo está associada à inquietação relativa a uma sensação de perigo iminente, a um estado de alarme ou a algo que deve ser temido, sendo uma reação adequada em momentos de ameaça. Destarte, se evidencia que esse conceito está estreitamente associado ao de risco, especialmente no caso analisado, pois, ao se produzirem discursos relativos ao risco, se constrói uma sensação de espreita, de cuidados sobre o que pode vir a acontecer em meio à possibilidade desastrosa, melhor dizendo, também se produz medo. De acordo com Elias (2011), o medo é um aspecto estruturador da vida em sociedade, visto que cria liames que possibilitam a construção social, já que possui relevância e eficácia nas formas de controle e engendramento dos processos civilizatórios. O autor também ressalta que o medo tem sua inscrição na sociedade, sendo importante, desse modo, analisá-lo pelo prisma das relações que são estabelecidas a partir da história e dos modelos socioculturais existentes em cada época.

Associados, o risco e o medo são os sentimentos e as emoções mais utilizados pela Revista *Exame* para enunciar sobre a crise. De certo modo, ambos compõem a rede sociodiscursiva das capas do periódico e se mostram como elementos que visam a alertar a população, ou mais do que isso, deixar claro aquilo que deve ser temido. Esses discursos fundamentam-se no gerenciamento e controle do risco e do medo ao mesmo tempo que os medeiam.

No segundo número do mês de novembro (Figura 9), tais elementos (o risco e o medo) são novamente mediados. “Um país mais pobre” é o enunciado principal, ilustrado por figuras de sujeitos mostrando seus bolsos vazios. Sem perspectivas para o momento, é afirmado que “a recuperação pode levar uma década – e deixar mais distante o sonho de um Brasil rico”. Outra vez, é reiterada a perspectiva de que o Brasil é o centro da crise, e que essa é uma exclusividade apenas do Brasil. Além disso, por meio do enunciado, identifica-se que não são levadas em consideração as conquistas empreendidas pelo Brasil nos últimos anos, como a redução da pobreza extrema.<sup>4</sup> Diante disso, retoma-se Foucault (2013a, 2011) e seus questionamentos sobre os discursos, haja vista a necessidade de refletir sobre o porquê de esses discursos serem produzidos dessa forma e não de outra. Para entender essa questão, há a necessidade de levar em conta as posições do sujeito-enunciador – no caso, a Revista *Exame*, marca que possui relações próximas com os setores mais abastados da sociedade

<sup>4</sup> Mais informações disponíveis em: <<https://nacoesunidas.org/relatorio-banco-mundial-afirma-que-brasil-conseguiu-praticamente-erradicar-extrema-pobreza/>>. Acesso em: 4 maio 2015.

e que tem se posicionado como contrária aos recentes governos populares, bem como o próprio momento histórico, marcado por uma intensa polarização política.

Em sua última edição de 2015 (n. 1.104, Figura 10), a Revista *Exame* retoma sua função de orientadora em meio aos sentimentos de risco e medo que ela mesma produz. “Onde investir em 2016” é o seu enunciado principal, que se assemelha a outro aqui disposto, referente ao mês de agosto (“Onde investir na crise”), de modo que é interessante salientar que não se trata de questionamentos, mas de afirmações, dando o sentido de que a revista, de fato, possui as fórmulas mais adequadas, para que o sujeito-leitor possa se dar bem no novo ano com uma renda fixa e “ganhar mais de 17% por mês”, mesmo em um contexto em que a economia poderia vir a ser afetada em caso de *impeachment* – o que realmente aconteceu.

Sobre a recorrência de orientações na revista, nota-se, com base em Freire Filho (2011, p. 17) que tais posicionamentos passam a constituir um jornalismo de autoajuda, definido pelo autor como um produto massivo voltado à obtenção de ganhos imediatos, seja em matéria de adaptação social, seja de ascendência profissional, discurso prescritivo que, nas capas analisadas, se voltou não somente ao sujeito-leitor-consumidor, mas também à própria presidente Dilma Rousseff e à sua equipe, diversas vezes apontadas como as principais culpadas pelo cenário de crise.

A emergência do viés explícito de autoajuda que permeia alguns dos enunciados citados se dá em um contexto em que há um desvencilhamento das instituições tradicionais, como a Igreja, a família, a escola, etc. São condições de possibilidade históricas, nesse caso, que permitem a irrupção desses discursos, e não, de outros. É diante desse quadro que a mídia vai ganhando, cada vez mais, espaço na vida dos sujeitos, na maioria das vezes, determinando diagnósticos (como no caso da crise) ao mesmo tempo que oferta antídotos (tais quais as dicas para superar a crise) para lidar com as situações. Essa pode ser, inclusive, uma das principais características do dispositivo midiático de enunciação investigado e dos seus discursos, sempre tecidos com fios do saber e do poder. Com essa composição, são arregimentados estados de ânimo e subjetividades específicas, calcadas, especialmente, no risco de caos e medo do futuro, pois o dispositivo, como coloca Agamben (2009, p. 46) é ao mesmo tempo, uma máquina de governo e de subjetivações. O discurso de medo e de risco produz modos de governo próprios, bem como de subjetividades – segundo Foucault (2013b), sempre nutridas *por* e amarradas a condições de possibilidades históricas dadas.

Com seus enunciados sedutores, fator propiciado pelas afirmações assertivas, tais discursos encetam o que Prado (2013), inspirado em Foucault (2008), denomina de “convocações biopolíticas dos dispositivos

comunicacionais”, isto é, práticas discursivas que agem no sentido de requisitar aos sujeitos a ação em torno de determinadas orientações referidas nos dispositivos da mídia, que, cada vez mais, sob o viés de orientação e suporte, convocam os sujeitos a formatarem seus modos de viver, sentir e lidar no que diz respeito a questões do cotidiano, objetivando controlar acidentes e deficiências, a fim de aperfeiçoar a existência.

Tais convocações partem do princípio de uma necessidade de transformação ou superação, e o jornalismo se coloca, nesse caso, como uma instituição que fornece mapas cognitivos necessários à orientação dos sujeitos. (PRADO, 2009). As convocações estabelecidas pela Revista *Exame* se estabelecem a partir de apelos de ordem sentimentais, sem a realização de aprofundamentos ou maiores discussões sobre a crise. Outrossim, a grande gama de enunciados relativos à temática de risco e, por sua vez, também de medo e à busca pela superação, convocam e agenciam novos modos de comportamento e cuidado, os quais são previamente trabalhados pela composição visual e enunciativa das capas e são aprofundados conforme o desenvolvimento das matérias, incitando outras formas de vida calcadas na prevenção como crédito para o futuro diante da atual conjuntura atravessada pela crise político-econômica, com vistas a estabelecer gramáticas subjetivas por meio das quais os sujeitos possam lidar e vivenciar este momento.

### 3 Considerações finais

A mídia vem se constituindo, cada vez mais, em uma instância socializadora que visa a atuar diretamente na vida dos sujeitos, propondo-lhes formas e padrões de conduta e autogoverno, instaurando aquilo que Sodré (2006) denomina de “bios midiático”: a vida permeada e constituída de aparatos e discursos dos meios de comunica o e da m dia, atuando, incisivamente, na redefini o dos diversos  mbitos da vida cotidiana.

Ao promover análises sobre as capas da Revista *Exame*, as questões evidenciadas acima se mostram de forma incisiva, no sentido de que há uma estratégia contínua de constru o e reconstru o de discursos em torno da crise e de sua supera o, sendo este último ponto percebido como uma tática utilizada para atrair o maior número de leitores, permitindo ao sujeito que enfrenta dificuldades vislumbrar a sensa o de uma existência *segura* tão almejada. Afinal, quem não gostaria de encontrar fórmulas que, de fato, resultassem na supera o da crise?

As capas desvelam interesses particulares. Nelas, os fatores políticos e econ micos são utilizados para justificar os motivos da entrada ou os caminhos de saída da crise, mas a revista o faz por uma perspectiva que deixa de lado seu aspecto complexo e multifacetado, propondo um ponto

de vista próprio a partir dos seus modos de reconstrução e redimensionamento da crise. Não há, dessa forma, uma contextualização ou problematização em relação ao cenário, quer econômico, quer político, e suas condições de produção, uma vez que esses aspectos são reduzidos ao local e à figura da presidente, demonstrando, como bem afirma Sodré, que na “mídia, o sismógrafo e o sismo são a mesma coisa”. (2006, p. 79).

Nas publicações da Revista *Exame*, é constantemente evidenciada a presença de discussão acerca da crise econômica, ao mesmo tempo que receitas para sua superação são citadas. Com isso, a revista se mostra tanto como aquela que ecoa o problema quanto a que pode trazer subsídios para enfrentá-lo. Entretanto, a premissa do caos é mais recorrente e avassaladora do que sua saída. No que se refere à crise política, Dilma Rousseff é corriqueiramente colocada como a figura que representa a fonte de todas as intempéries, dos problemas e erros cometidos que levaram o País a um estado crítico e conflitante.

Quando se observam as soluções ou perspectivas de superação da crise que são ofertadas pela revista, tem-se, reiteradamente, receitas fáceis e rápidas, que sempre retomam a necessidade de aderir à ética neoliberal, seja nos níveis individuais (os sujeitos – que devem, por si só, se preparar e buscar saídas), seja nos econômicos (maior abertura ao mercado externo e menor intervenção do Estado), aspecto que é visto como coerente quando se observam as posições e os interesses da revista, mas que se revela como incongruente quando se contrapõe esse tipo de saída às ideias de teóricos que se debruçam sobre a crise, como Bauman e Bordoni (2016), Touraine (2011), entre outros, os quais veem como uma das causas do cenário de crises, justamente, a redução da intervenção do Estado.

Concomitantemente, são produzidos sentimentos e emoções relacionados ao risco e ao medo, pois, como visto, segundo a perspectiva da revista analisada, o cenário brasileiro é de caos – palavra, inclusive, diversas vezes declarada. A mediação desses estados passa a fraturar outros até então circulantes no meio social, como a segurança e a esperança em um futuro melhor, fornecendo aos leitores modos de conduta específicos, favorecendo a construção de novas formas de ser-e-estar que passam a modificar as dinâmicas políticas, históricas e socioculturais e a produzir novas estruturas e condições às experiências e trocas em todos os níveis. Os apelos emocionais utilizados, que induzem ao risco e ao medo, ou à superação desses estados, dão margem à emergência de outras gramáticas afetivas, pois é no sujeito que essa crise vem produzindo e continuará a produzir seus principais efeitos, provocando alterações complexas em seu modo de vida, ideais de consumo e modelos de referência.

A crise, que já demanda alterações profundas na vida pessoal e na coletiva, é redimensionada pelos discursos produzidos pelo dispositivo midiático

analisado a partir de vieses e lugares de produção particulares, ganhando novos patamares, diagnósticos e antídotos.

A recorrência do tema passa a atualizá-lo, mesmo que não haja muitas novidades. A repetição, nesse sentido, tem um interesse próprio, assim como as perspectivas adotadas para expressar a crise, uma vez que, como pontuado por Foucault (2011), o discurso não é aquilo que traduz as lutas, mas aquilo pelo que se luta.

A Revista *Exame* agencia, com as narrativas expressas em suas capas, subjetividade atentas, cuidadosas, sobreavisadas. O periódico não propõe, de fato, saídas, mas formas de administrar os riscos e os medos, demonstrando aos olhares mais atentos o potencial de controle de seus discursos. As análises empreendidas indicam que há uma construção particular da crise por parte da Revista *Exame*, a qual é estrategicamente produzida, assim como as abordagens sentimentais e emocionais utilizadas e as orientações que são dadas, elementos tecidos através de uma rede mais complexa.

## Referências

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BAUMAN, Z.; BORDONI, C. *Estado de crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CONCEIÇÃO, J. J. O ABC da crise. In: SISTER, S. *O ABC da crise*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 17-54.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Trad. de Ruy Jungmann; rev. e apres. de Renato Janine Ribeiro. 2 .ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1.
- FISCHER, R. M. B. *Televisão & educação: fruir e pensar a TV*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013b.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE FILHO, J. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. *Revista Famecos*, v. 18, n. 3, 2011.

FREIRE FILHO, J.; COELHO, M. G. P. *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOMES, M. R. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker; Edusp, 2003.

ALMEIDA JUNIOR, L.; NOJIMA, V. L. *Retórica do design gráfico: da prática à teoria*. São Paulo: Blucher, 2010.

PRADO, J. L. A. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: Educ; Fapesp, 2013.

PRADO, J. L. A. Experiência e receituário performativo na mídia impressa. *Intexto*, v. 1, n. 20, 2009.

RODRIGUES, A. D. *Afinal o que é a mídia?*. 2016. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/279-afinal-o-que-e-a-midia>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

SCALZO, M. *Jornalismo de revista*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TOURAINÉ, A. *Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Trad. de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VAZ, P. Corpo e risco. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F., KOSOVSKI, E. *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. p. 159-171.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. Trad. de Vanise Dresch. São Leopoldo (RS): Ed. da Unisinos, 2004.

WALTON, S. *Uma história das emoções*. Trad. de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2007.